

revista EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Ano 1 - Número 4 - Setembro / Outubro de 2024



A educação moral dos filhos

Herculano Pires e a pedagogia espírita

A caridade essencial

SUMÁRIO



Editorial 3

**Herculano Pires e a pedagogia
espírita 4**

Estante Espírita 7

A educação moral dos filhos 8

Oficina de dança 11

A caridade essencial 13

**Segregação, discriminação e
preconceito 16**

A educação 19

**Atividade prática - Projeto:
Quem sou? 22**

Divulgando 24

Pensando a educação 25

REVISTA EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Ano 1, Número 4, Setembro/Outubro de 2024

Editor-Chefe

Marcus De Mario

Projeto Editorial e Diagramação

A. J. Orlando

Contatos

Whatsapp/Telegram (21) 9.9397-1688

E-mail: revistaeducacaoespirita@gmail.com

Acesse a revista em

<https://www.juventudeespirita.com.br/category/revistas/revistaeducacaoespirita>

A Revista Educação Espírita não pertence a nenhuma instituição, sendo trabalho coletivo realizado por educadores espíritas.

Distribuição gratuita.

Colaborações enviadas e não publicadas não serão devolvidas. Reservamos o direito de publicar somente o que estiver de acordo com a linha editorial.

Colaboradores deste número

Dalva Silva Souza,

Leila Brandão,

Léon Denis (in memorium),

Marcus De Mario,

Orson Peter Carrara e

Walter Oliveira Alves (in memorium).

EDITORIAL

Chegando com esta edição ao quarto número da *Revista Educação Espírita*, temos a felicidade de comunicar que ultrapassamos o número de mil assinantes, inclusive recebendo assinaturas do exterior, lembrando que a assinatura é gratuita, nada cobramos. E temos igualmente a felicidade de termos recebido até o momento críticas favoráveis e votos de gratidão, o que nos fortalece para a continuidade do trabalho dedicado à educação, nos moldes que o Espiritismo projeta, visando o estabelecimento de uma humanidade mais justa, solidária e em paz.

Acreditamos que o caminho para transformação e regeneração dos homens e da humanidade é a educação, mas a educação entendida com profundidade, do espírito reencarnado, propiciando-lhe valores éticos, correção das más tendências, desenvolvimento das virtudes, estabelecimento de bons hábitos e formação do caráter. Essa é a educação integral que tanto necessitamos, direcionando as pessoas para o bem, humanizando-as, combatendo e destruindo o egoísmo que ainda nos caracteriza, e que tantos males tem provocado.

É por esse motivo que conclamamos os dirigentes espíritas a promoverem eventos voltados à educação, na forma de palestras, seminários, cursos e congressos, para que o Espiritismo cumpra seu papel de doutrina de educação, contribuindo assim vigorosamente para que, mais cedo, possamos sair de mundo de expiações e provas para mundo de regeneração, fazendo o bem predominar sobre o mal. O Espiritismo é muito mais que uma religião formal, é uma filosofia de bases científicas, com profundas consequências morais, portanto, o espírita não pode ficar acomodado na frequência semanal ao centro espírita, como se o mesmo fosse como qualquer templo ou igreja para votos devocionais. O espírita tem a obrigação de realizar sua transformação moral para ser um influenciador moral na sociedade humana, e isso é trabalhar a educação.

Nossas felicitações aos que já compreenderam essa missão e têm realizado esforços pela educação do espírito. E nossa homenagem a Herculano Pires, Walter Oliveira Alves, Anália Franco, Eurípedes Barsanulfo, Ney Lobo, Pedro de Camargo, Adelaide Câmara, Tomás Novelino, entre outros, que no passado, empunharam a bandeira da educação com a doutrina espírita, legando-nos exemplos e obras que nos fazem prosseguir, hoje, com a *Revista Educação Espírita*.

E a vocês, leitores e assinantes, o nosso muito obrigado, de todo coração e de toda alma.

Recebam meu abraço fraterno,

Marcus De Mario

Marcus De Mario
Editor-Chefe

Herculano Pires e a pedagogia espírita

Redação

A Educação Espírita surgiu como um fato social produzido pelas transformações que se operam na consciência contemporânea.

Na história da educação espírita não podemos deixar de enaltecer José Herculano Pires (1914-1979), filósofo, professor, jornalista e escritor. Deixou-nos legado de mais de 40 livros, além da tradução das obras de Allan Kardec. Participou da criação do Instituto Espírita de Educação na capital paulista; manteve por longos anos uma coluna espírita em jornal leigo de grande circulação; produziu e apresentou programas de rádio; criou e publicou a *Revista Educação Espírita* na década de 1970, cujos conteúdos assinados por ele deram origem, posteriormente, ao livro *Pedagogia Espírita*. Aproveitamos o capítulo sobre esse tema para criar esta entrevista, onde idealizamos as perguntas, e transcrevemos o texto de Herculano Pires nas respostas.

REE - A concepção de vida que o Espiritismo nos oferta modifica a educação que temos desenvolvido?

H. Pires - O Espiritismo nos dá uma con-

cepção de vida diferente da concepção católica e protestante em que fomos educados. Para orientar a educação das crianças e dos jovens segundo essa concepção nova, precisamos de uma nova teoria da educação. Essa teoria nova, exigida pela nova concepção de vida, só pode ter um nome, que é precisamente e inevitavelmente este: pedagogia espírita. E como sem a teoria não há prática orientada, a prática da educação segundo os ideais espíritas não poderá ser eficiente se não se apoiar numa teoria espírita da educação.

REE - O que podemos entender por educação espírita?

H. Pires - Essa expressão pode ser entendida em dois sentidos: 1º) como uma espécie de formação sectária das crianças e dos jovens, uma forma de transmissão dos princípios espíritas às novas gerações, e portanto um assunto doméstico, restrito ao lar e às escolinhas que funcionam nas Federações e nos Centros Espíritas, à semelhança do que se faz nos catecismos das igrejas; 2º)

como um processo de formação universal das novas gerações para o mundo novo que o Espiritismo está fazendo surgir na Terra. O primeiro sentido da expressão Educação Espírita contrasta de tal maneira com o segundo que parece ser muito inferior, negativo, ligado ainda às fases do religiosismo dogmático que o Espiritismo superou. Mas na verdade não o é. A educação familiar corresponde a uma fase natural do processo educacional. A educação institucional é simples desenvolvimento daquela. Dessa maneira, a Educação Espírita dada no lar e nos Centros é válida e pertence, de direito e de fato, ao processo natural da Educação Social. O que é negativo, obscurantista, retrógrado, é querer e reduzir a Educação Espírita a esse aspecto inicial do processo.

REE - Por que não esperar pelo tempo para uma melhor compreensão sobre a educação espírita por parte do movimento espírita?

H. Pires - A resposta não será dada por nós, mas pelos fatos. A Educação Espírita surgiu como um fato social produzido pelas transformações que se operam na consciência contemporânea. Os progressos culturais, tendo como base o avanço das Ciências e o desenvolvimento das Técnicas, que revolucionam as estruturas sociais e subvertem a ordem moral, criaram novas exigências na consciência coletiva. Os espíritas, que esposam uma doutrina de vanguarda, anunciadora dos novos tempos, sentiram a insuficiência dos dois tipos de educação que se acomodaram artificialmente nas escolas atuais: a Educação Leiga e a Educação Sectária. Por isso começaram a fundar escolas espíritas, escolas próprias em que seus filhos poderiam receber uma educação adequada, pois a Religião Espírita, ao invés de contradizer a Educação Leiga, de natureza científica e técnica, harmoniza-se com ela e a complementa.



REE - E o que é a pedagogia espírita?

H. Pires - A Pedagogia é o acabamento de toda Filosofia. A Pedagogia orienta o desenvolvimento eficiente de toda Educação. A mundividência ou cosmovisão, essa visão do homem e do mundo que é a essência de toda Filosofia, só pode transmitir-se de geração a geração através da Educação. A Educação Espírita é a forja da Cultura e, portanto, da Civilização Espírita que vem completar na Terra a incipiente e contraditória Civilização Cristã dos nossos dias. Quem poderá negar isso diante da evidência dos fatos? Quem pretenderá combater, dentro do movimento espírita, esse impulso

irresistível para um mundo melhor que brota das entranhas da Doutrina Espírita? A Pedagogia Espírita já existe. Está, por assim dizer, entranhada nos princípios doutrinários. Por isso mesmo não está sistematizada.

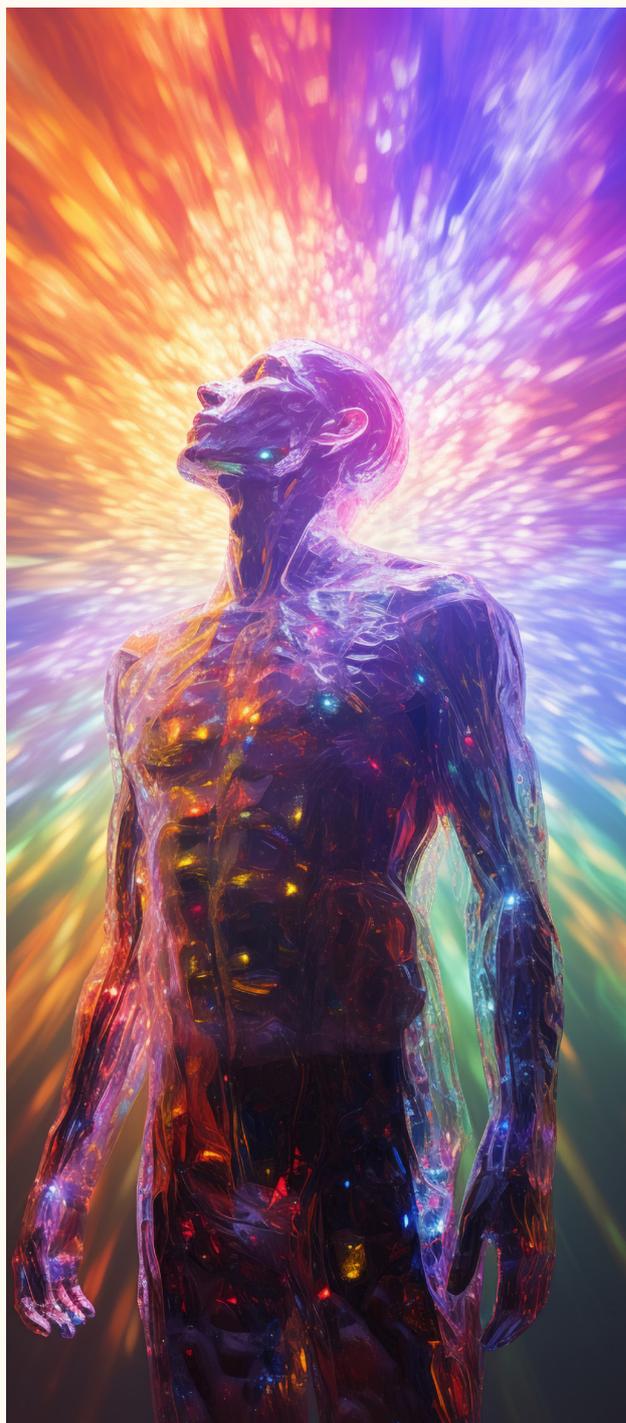
REE - Vemos na história humana que revoluções culturais deram origem a novas teorias educacionais. Acontece o mesmo com o advento do Espiritismo?

H. Pires - O desenvolvimento da Cultura Espírita nos acena com a mesma possibilidade. As diferenciações culturais são inevitáveis no desenvolvimento das várias culturas, e quanto maior a expansão da cultura, tanto maior será o número de diferenciações que podem ocorrer. Por outro lado, a evolução da Cultura Espírita poderá e deverá mesmo abrir novas perspectivas educacionais. Essa a razão por que, usamos o recurso a (e uma) Pedagogia Espírita. Existe a Pedagogia Espírita na própria estrutura da Doutrina, mas qualquer sistematização que fizermos não será “a”, mas “uma” Pedagogia Espírita, sujeita a revisões futuras. E poderão surgir no futuro tantas Pedagogias Espíritas quantas se fizerem necessárias, de acordo com as diferenciações culturais que ocorrerem em diversos países. A unidade desses sistemas, entretanto, será garantida pelo modelo inicial e fundamental que permanece nos princípios essenciais da Doutrina. Uma Pedagogia só será espírita se estiver fundada nesses princípios.

REE - Por que devemos elaborar uma pedagogia espírita?

H. Pires - A elaboração da Pedagogia Espírita é uma necessidade urgente para a orientação do processo pedagógico nas escolas espíritas, que já são uma realidade social e cultural concreta. As escolas espíritas sentem essa necessidade e é de urgência a realização de estudos, de pesquisas, de experiências — e sobretudo de cursos intensivos de Pedagogia no meio espírita — para

que possam surgir os pedagogos espíritas, devidamente aparelhados com os instrumentos da cultura atual e com as sugestões doutrinárias, que deverão transformar em novos instrumentos culturais no campo do ensino e da educação. **REE**



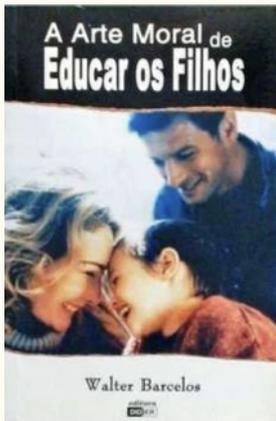
Estante Espírita

NA MEDIDA CERTA

DALVA SOUZA E LEILA BRANDÃO

O ser humano tem-se mostrado angustiado, violento, sozinho e entediado. Há algo errado com a educação que estamos praticando? Existe outro caminho? Numa perspectiva espírita e reencarnacionista, este oportuno trabalho desvenda alguns segredos da educação infantil, com a dose certa de informação e a mesma medida de carinho e limites. É um livro para todos os educadores: pais, professores, evangelizadores espíritas, ressaltando a importância da educação nos primeiros anos de vida da criança.

Lachâtre Editora – 268 páginas



A ARTE MORAL DE EDUCAR OS FILHOS

WALTER BARCELOS

Esta obra é o resultado de estudos e pesquisas desenvolvidas por mais de 20 anos sobre o tema educação, baseando-se na rica bibliografia espírita. Para os gerentes da educação no lar, essa “Arte Moral” será a busca incessante em compreender, sentir e viver intensamente o amor, transferindo os tesouros do espírito à mente dos filhos, formando em sua personalidade a incorruptível beleza da moral cristã. Livro destinado às mães abnegadas, pais dedicados e dirigentes, expositores e estudiosos, mostrando o desenvolvimento da educação moral junto às crianças e aos jovens.

Didier Editora – 304 páginas

EVANGELIZANDO BEBÊS

CÍNTIA VIEIRA SOARES

O que os bebês fazem nas aulinhas de evangelização? Ficam quietinhos no momento da prece? Perguntas e comentários como esses são bem comuns. Porém, o ambiente espiritual repleto de histórias sobre Jesus, músicas doutrinárias e leituras edificantes alcança e envolve por completo o espírito milenar ali presente, impregnando em sua alma o amor pelo Cristo, a paternidade amorosa e justa de Deus, despertando os sentimentos e valores eternos do bem. Este trabalho é valioso roteiro para educadores e pais, repleto de diretrizes úteis às abordagens que devem ser feitas na evangelização dos pequeninos.

Feego Editora – 264 páginas



A educação moral dos filhos

Mesmo quando os pais revelam certo conhecimento do seu papel na formação dos filhos, desviam a educação para a total liberdade, deixando os filhos livres para fazer o que quiserem, pois assim eles crescerão sem traumas e sem as interferências prejudiciais da autoridade que pode lhes cercear o desenvolvimento..



Marcus De Mario

Compete aos pais a formação moral dos seus filhos, e nisso está a mais sublime tarefa de um educador, tarefa essa que exige responsabilidade, verdadeira missão a que os pais não podem se furtar, respondendo pelos atos dos filhos enquanto estes se fazem dependentes. Em verdade, pais de consciência culpada pela má educação oferecida a seus filhos vivem dramas de remorso, mesmo quando estes já são adultos.

Há pais que por indolência do próprio caráter, apresentando uma culposa indiferença, estimulam os caprichos dos filhos, não lhes corrigindo as más tendências verificadas desde os primeiros instantes, porque a criança é um espírito que já traz as potencialidades a serem desenvolvidas, as tendências inatas que cumpre serem desenvolvidas, se boas, ou corrigidas, se más. Isso

é competência primeira dos pais, educadores da alma infantil que lhes procura para receber no seio da família a preparação para o viver social.

Num mundo em que as más tendências do caráter predominam, a correção das mesmas é entendida como sendo o uso de métodos violentos. Tenta-se educar pelas surras, pelos castigos corporais, pelo uso de vocabulário degradante, quando a educação está no amor conjugado com a disciplina, está nos bons exemplos a que os pais devem se obrigar em dar a seus filhos.

Como podemos exigir o cumprimento de obrigações, como podemos deplorar comportamentos, quando somos os primeiros a não cumprir com essas mesmas obrigações e quando nossos exemplos não servem para serem seguidos?

Marcus De Mario é educador, escritor e palestrante. Coordena o Grupo de Estudo Espírita Seara de Luz, do Rio de Janeiro. É editor do canal Orientação Espírita no Youtube. Autor de 35 livros publicados.

Quantas vezes temos surpreendido mães utilizando de violência física acompanhada de palavrório fútil, porque seu filho pronunciou uma palavra de baixo significado? Como pode ela exigir cuidado com as palavras quando não dá exemplo? O filho, com naturalidade, pensará: “se minha mãe pode usar essas palavras, por que eu não posso?”. Mas não lhe oferecem explicações, apenas atitudes violentas, nem se preocupam em realizar uma autoeducação que seria muito mais proveitosa para os olhos da infância.

Estimulam-se vícios os mais diversos e depois se queixam do comportamento que os filhos observam na família e nos outros meios sociais. Na verdade os pais deveriam queixar-se de si mesmos. Deveriam realizar um exame de consciência, não quanto aos esforços de proporcionar a educação ou a ilustração da inteligência, mas em relação ao que fazem no capítulo da educação moral.

Mesmo quando os pais revelam certo conhecimento do seu papel na formação dos filhos, desviam a educação para a total liberdade, deixando os filhos livres para fazer o que quiserem, pois assim eles crescerão sem traumas e sem as interferências prejudiciais da autoridade que pode lhes cercear o desenvolvimento. Essa explicação não tem respaldo no bom senso nem nas pesquisas pedagógicas. A liberdade sem responsabilidade cria verdadeiros monstros. Como aquelas crianças que, numa visita, precisam ser agarradas pelos pais para não destruírem a casa alheia, de tão acostumadas a agirem plena-

mente em liberdade, sem consideração à propriedade e aos direitos do semelhante.

Ou aquela criança sem cerimônia, que não diz para onde vai, com quem vai, e chega como autoconvidada, sem dar maiores satisfações, demonstrando que respeito é matéria ultrapassada no processo educacional. Será mesmo?

Estes exemplos, que denominamos cenas de educação familiar, acontecem sob a indiferença ou o beneplácito dos pais, que a tudo assistem sem qualquer reação, espantando-se mais tarde quando os filhos os deixam de lado e enveredam pela filosofia materialista de enxergarem apenas a si mesmos, sem outro sentimento. Esse é o resultado do descuido com a formação do caráter, afastando o educando da sua realidade de alma criada por Deus para o progresso, o que depende nesta existência da tarefa educacional dos pais, que, como já o dissemos, tem a missão de educar e não simplesmente de cuidar.

O ideal da formação moral e a família

Desde que compete aos pais educar seus filhos, tendo nisso uma missão pela qual devem responder, e sendo a educação o desenvolvimento das potencialidades morais e intelectuais, onde os exemplos e sentimentos afetivos preponderam na formação do caráter, é, sem dúvida, que encontramos na família o ideal da educação moral.

A criança, nos primeiros estágios de seu desenvolvimento, é dependente dos cuidados e dos afetos dos pais, sendo fortemente influenciada pelos estímulos que recebe por parte

dos que a devem proteger e amar. Ninguém e nenhuma instituição pode substituir as noites mal dormidas de quem vela a cabeceira do filho. Quem fornece as primeiras palavras a serem ouvidas pelo recém-nascido? Quem lhe entrega sorrisos, abraços, carinhos? Quem chora junto com o choro da criança, ainda um ser frágil lutando por dominar o organismo físico? São os pais, missionários da educação moral de seus filhos no ambiente familiar.

A formação moral é feita através de alguns elementos que sobram na organização familiar.

O primeiro deles é o **exemplo**, empregado pelos pais até mesmo de forma automática, semiconsciente. Os pais são espelhos em que os filhos se refletem, por isso os cuidados com as atitudes e as palavras diante deles e também diante dos outros, pois o exemplo não pode ser um aqui e outro ali. No exemplo encontramos a força da educação moral.

O segundo elemento encontrado na família é a **conduta afetiva**. Para uma boa formação moral é imprescindível integrar o educando numa atmosfera de bons sentimentos. É necessário que ele se sinta aceito, estimulado a mostrar quem ele é e quais são suas tendências e suas potencialidades. O afeto entre pais e filhos, educadores e educandos, possui alcance moral muito maior que qualquer recurso didático.

Temos o terceiro elemento, o **sentido de união**, muito importante para fazer com que os filhos, sentindo-se protegidos, amparados e estimulados, possam dar seus primeiros passos com segurança, sabedores que os pais ali estão para ampará-los quando necessário, mas sem coibir-lhes as experiências, os

eventuais erros e acertos, experiências essas que serão feitas procurando-se sempre o melhor para um caráter bem formado, consciente.

A família é detentora dos elementos primordiais para levar a efeito a educação moral, entretanto, nem sempre consegue resultados satisfatórios, isso porque a família vem sofrendo um processo de afrouxamento de seus laços, tendo perigosamente caminhado para os interesses egoístas e imediatos das coisas que dizem respeito somente ao prazer material, e de forma individual. Siga-se o caminho dos interesses coletivos e espiritualistas e a missão educadora da formação moral será resgatada por essa mesma família.

Pelo fato de termos na família o ideal da formação moral não se segue que somente ela possa trabalhar esse aspecto, primordial, da educação.

A moral também pode ser, e deve ser, objeto da escola. As metodologias pedagógicas só podem ser consideradas completas levando em conta a educação da moral.

Na educação, a família não pode ser desprezada. Sua influência é por demais sensível, e boa parte dos males do fracasso do ensino se deve a termos relegado a família a plano secundário, desligando-a da escola, do sistema escolar, das ideias educacionais e das filosofias da educação, e, numa outra vertente, retirando dela a parte que lhe cabe na formação da estrutura da sociedade.

Enquanto a família estiver reduzida a um grupo que habita momentaneamente uma casa, sem maiores vínculos, estaremos envolvidos com graves questões que somente uma visão da educação moral do homem poderá resolver, e que o Espiritismo tão bem elucidada com a imortalidade da alma a reencarnação e a destinação futura do espírito que hoje se encontra na experiência da existência humana.. **REE**

Oficina de dança

Assim como a música trabalha com os movimentos interiores da alma, a dança exterioriza os movimentos do seu mundo interior. Dançando, o homem transcende o ser físico, adentrando na harmonia com o ser espiritual que há em si mesmo, e exterioriza esse ser espiritual em vibrações harmônicas nos movimentos do seu corpo.



Walter Oliveira Alves

Embora menos comum no meio espírita, a dança vem ganhando cada vez mais espaço e demonstrando sua capacidade de sensibilizar. A dança, embalada ao ritmo suave de melodias sensibilizadoras, pode provocar emoções dantes nunca sentidas.

O Espírito Camilo, em Memórias de Um Suicida, narra um espetáculo cuja beleza “atingia o indescritível, quando, deslizando graciosamente pelo relvado florido, pairando no ar quais libélulas multicores, os formosos conjuntos evolucionavam...” O empolgante espetáculo era acompanhado de “orquestrações maviosas onde os sons mais delicados, os acordes flébeis de poderosos conjuntos de harpas e violinos (...) arrancavam de nossos olhos deslumbrados, de nosso coração enternecido, haustos de emoções generosas que vinham para tonificar nosso Espírito, alimentan-

do nossas tendências para o melhor (...).” Os Espíritos, suicidas, cientes de sua condição e dos sofrimentos e desafios que os aguardavam, sentiam-se fortalecidos em sua vontade de crescer e de se elevar. A arte trabalhava com a energia volitiva (vontade), levando-os a querer evoluir, a querer melhorar-se.

Percebemos a importância da arte em geral e, nesse caso, da dança em particular, como estímulo elevado, abrindo canais superiores para a energia criadora do Espírito.

Quando nosso grupo de dança foi formado, as diversas turmas de evangelização estavam trabalhando a primeira parte de O Livro dos Espíritos, o tema Criação. Foi proposto ao grupo uma coreografia que desse a ideia de Evolução, ideia que, de início, pareceu arrojada demais. No entanto, o grupo se empenhou no trabalho, escolhendo as músicas com cuidado e, em poucas semanas, tinha-

Walter Oliveira Alves (1952-2018) foi pedagogo, psicanalista e professor universitário. Foi diretor do Instituto de Difusão Espírita, de Araras/SP, onde coordenou a área infantojuvenil, sendo autor de diversas obras sobre educação à luz do Espiritismo.



mos uma coreografia representando toda a evolução, desde os seres unicelulares até o homem. A emoção foi intensa, e todos perceberam as possibilidades quase infinitas da dança. O grupo de dança, que recebeu o nome de *Evolução*, foi, durante muitos anos, o mais profícuo em criatividade e dinamismo.

Acreditamos ser indispensável, para iniciar o trabalho, alguém com curso de dança e que, acima de tudo, realize a tarefa com muito amor. Todavia, temos a certeza de que os trabalhadores sinceros estão por toda a parte. As possibilidades de criação poderão variar ao infinito. Talvez, o mais importante seja manter no grupo o espírito de união e cooperação. E o cimento que dá coesão a toda obra desse porte é o amor. A técnica é necessária, mas o amor ao trabalho bem feito, o amor à arte, é indispensável.

“Assim como a música trabalha com os movimentos interiores da alma, a dança exterioriza os movimentos do seu mundo interior. Dançando, o homem transcende o ser físico, adentrando na harmonia com o ser espiritual que há em si mesmo, e exterioriza esse ser espiritual em vibrações harmônicas nos movimentos do seu corpo.

“A emoção vibra em seu coração e se exterioriza nos movimentos harmônicos do corpo, que representam os movimentos interiores da alma.

“O artista abre espaço no próprio espaço para a sua vibração que se expande além do visual e atinge o espectador, que pode captar não só pelos olhos e pelos ouvidos, mas entrando em sintonia com essa vibração” (*Educação do Espírito*, de Walter Oliveira Alves).

(Extraído do livro *Introdução ao Estudo da Pedagogia Espírita*, IDE Editora).

REE

A caridade essencial

Precisamos entender que, antes de qualquer ação externa, deve existir a caridade essencial, que consiste em pensar, falar e agir segundo o Evangelho.



Dalva Silva Souza

A educação, em sua essência, vai além do simples ato de ensinar conteúdos acadêmicos. Ela deve ser um caminho para a formação integral do indivíduo, abrangendo valores espirituais e morais. Há uma passagem bíblica que inspira a ideia sintetizada no título: *E a caridade é esta: que andemos segundo os seus mandamentos. Este é o mandamento, como já desde o princípio ouvistes; que andeis nele.* João. (II João, 6.)

Essa epístola foi escrita por alguém que se apresenta como “senhora eleita”, e esse emissor se dirige a uma destinatária caracterizada como “senhora eleita”. A análise dos estudiosos acerca dessa carta a situam como de autoria de João Evangelista que a escreve em Éfe-

so, no final do século I, e “senhora eleita”, destinatária da missiva, é alguém que ele revela admirar por sua identificação com a mensagem do Cristo e por ter sabido bem educar os próprios filhos.

O conteúdo da epístola se torna bem interessante por apresentar uma orientação muito importante quanto à necessidade de cuidadoso discernimento, à luz dos ensinamentos do Cristo e dos apóstolos, a fim de não nos deixarmos levar influências de fontes duvidosas. Esse alerta é imperioso aos educadores espíritas dos tempos atuais. Temos conhecimentos específicos dos princípios espíritas, que nos permitem um entendimento da mensagem do Evangelho de Jesus, mas não podemos desconsiderar os riscos de, ainda assim, deixarmos-nos levar por leituras superficiais

Dalva Silva Souza é formada em Letras, é escritora e conferencista espírita. Atualmente, coordena o Núcleo de Estudo do Evangelho da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo..

e equivocadas, cujas proposições não atendem à educação do ponto de vista da formação do ser integral. A mensagem de João lembra a importância de vivermos conforme os ensinamentos que já conhecemos e aceitamos como forma de evitar os perigos da contaminação por ideias perniciosas.

A contribuição de Emmanuel aqui vai se fazer muito valiosa. Ele comenta esse versículo no livro *Vinha de luz*, oferecendo-nos profundas reflexões sobre a caridade como fonte das bênçãos do Senhor. Suas palavras nos ensinam que a caridade se manifesta de várias formas: dar pão ao faminto, água ao sedento, remédio ao enfermo e luz ao ignorante. Fica claro que aqueles que praticam essas ações, certamente, colaboram para a edificação do Reino Divino. Alimentar o corpo e esclarecer a alma são modalidades da caridade que, embora diferentes na aparência, são ações complementares que derivam da mesma virtude.

Emmanuel, no entanto, enfatiza que, para assistir verdadeiramente ao próximo, sobretudo no que se refere à relação educador/educando, devemos primeiro edificar a nós mesmos com boa vontade. A caridade genuína nasce da fraternidade e se espalha em forma de alegria, esperança, gratidão, conforto e intercessões benditas. Precisamos entender que, antes de qualquer ação externa, deve existir **a caridade essencial, que consiste em pensar, falar e agir segundo o Evangelho**. Isso significa viver em Jesus para que Ele viva em nós, implicando ter a humildade como a tônica da nossa atitude nos

processos relacionais que marcam nossa experiência nestes tempos tão difíceis da transição planetária, quando somos continuamente confrontados por mensagens e influências diversificadas, espalhadas pelas redes sociais.

Buscando mais detalhes a esse respeito, encontramos abordagem também muito inspiradora em outra contribuição da psicografia de Chico Xavier sob orientação de seu mentor. No Evangelho segundo São João, Jesus se refere a si mesmo como o “pão da vida”, isto é, como alimento imprescindível à alma, para que tenha vida plena. Em *Palavras de Vida Eterna*, o texto nos fala desse alimento de uma maneira inusitada, mostrando que a imagem usada por Jesus foi a do pão simples, sem aditivos. Se você mistura outros elementos a ele, deixa de ser pão, torna-se sanduíche; se você mistura pão a outros alimentos, ele é totalmente absorvido, perde suas características específicas. Ao final da reflexão, Emmanuel nos brinda com o seguinte parágrafo:

“O pão é invariavelmente pão. Quando alguém te envolva no confete da lisonja, insuflando-te vaidade, não te dê à superestimação dos próprios valores. Não te acredites em condições excepcionais e nem te situes acima dos outros. Abraça nos deveres diários o caminho da ascensão, recordando que Jesus – o Enviado Divino e Governador Espiritual da Terra – não achou para si mesmo outra imagem mais nobre e mais alta que a do pão puro e simples.”

Precisamos ser pão na vida dos educandos, abraçando os deveres que



nos cabem com simplicidade e leveza. A vaidade e o orgulho abrem brechas a que assimilamos influências não desejáveis em nossa prática, porquanto nossa rede de inspiração não estará sob a guarda do Mestre e de sua falange do bem.

Sem entender essa situação em sua clareza, no que se refere às relações entre todos nós, Espíritos ainda em trânsito para o aprimoramento, estaremos distantes da prática da caridade essencial e, sem ela, podemos realizar grandes serviços externos e construir

obras notáveis, mas, nos momentos de prova suprema da fé, vamos sentir-nos vazios e desolados, como mendigos de luz.

Incorporemos, portanto, os valores e princípios cristãos, para que nossa ação promova não só o desenvolvimento intelectual dos educandos, mas também o estímulo a que se tornem seres humanos íntegros, capazes de viver e espalhar a caridade em suas múltiplas formas. Como nos disse o apóstolo, já conhecemos o mandamento, então, que andemos nele. **REE**

Segregação, discriminação e preconceito

O Espírito não pode adquirir conhecimentos e se elevar senão pela atividade; se adormece na negligência, não avança.



Orson Peter Carrara

Assisti ao documentário, já de alguns anos (é de quase duas décadas), do Prof. Celso Antunes, voltado à educação, com o título *Trabalhando com Projetos*, onde, de maneira notável, ele detalha os passos de um projeto, além de explicar por que trabalhar com projetos, entre outras abordagens. Notável! Celso Antunes nasceu em São Paulo, é bacharel e licenciado em Geografia pela USP, Mestre em Ciências Humanas e Especialista em Inteligência e Cognição, entre outros títulos, autor de 180 livros e uma agenda lotada de palestras e cursos.

No referido documentário ele narra um extraordinário caso que usou, num projeto, para trabalhar com os alunos o tema Segregação.

Por nossa vez, tomamos a liberdade de sugerir a ampliação do tema para incluir também as palavras discriminação e preconceito que, embora comportem mais abrangentes considerações, limitamos nesta abordagem.

Pois bem. Para estudar o assunto ele sugeriu aos alunos que alguns, que se apresentariam como voluntários e, portanto, concordantes, deveriam usar uma fita laranja na cabeça, durante uma semana, para que toda a classe verificasse as reações das demais classes, demais professores, da escola, diretores e mesmo do meio onde viviam. Todos deveriam guardar segredo do acordo feito, limitando-se, apenas, diante de perguntas, à informação de que se tratava de um projeto.

As reações foram imediatas.

Orson Peter Carrara reside em Matão (SP), é escritor e palestrante espírita.

O próximo professor, sem fazer perguntas, apresentou prova distinta e além das possibilidades da classe, somente para os alunos que mantinham a fita na cabeça, qualificando-os com preconceito. Nos dias que se seguiram, tais alunos foram sendo gradativamente surpreendidos com reações que beiravam à violência, levando o diretor da escola, que não tinha conhecimento do projeto, a ordenar que tais alunos retirassem a fita da cabeça. E convocou o professor para explicar as razões daquele comportamento de seus alunos. Foi quando tudo ficou esclarecido.

O método usado pelo professor visou apenas explicar o que significava *segregação*, o que os alunos puderam sentir na pele, em experiência real vivenciada na própria escola, sofrendo discriminação de colegas da escola, de outros professores e mesmo a indignação do diretor, pois todos da classe guardaram segredo...

Incrível como as diferenças provocam reações. Incrível como quando alguém faz diferente, o comportamento incomoda aqueles que fazem sempre igual...

A própria palavra discriminação, em seu significado mais comum, relaciona-se com os aspectos de raça, sexo, cor, religião, entre outros. Ela é toda distinção de exclusão de comportamentos diferentes. A segregação, por sua vez, relaciona-se diretamente com o preconceito, aquele de separar, como acontece, por exemplo, com a segregação racial, que limita presença ou ação de uma raça em locais públicos ou outras situações.

Por que isso ocorre? Ciúme,

inveja? Orgulho? Essas são algumas razões, todas elas lamentáveis. Quem poderá se erguer como dono da verdade ou possuidor de qualificações superiores a quem quer que seja? Seja na raça, no título, no nome, na profissão, nos bens, na cultura, na cor, no patrimônio que detenha, nas opções que o diferenciam?

Notemos que as questões cabem nas situações que vivenciamos na atualidade. E mais interessante é que sempre foi assim.

O que estamos esperando para perceber que somos todos iguais, apesar das diferenças que ostentamos ou adquirimos? Tais diferenças nos fazem superiores a alguém? Não são justamente as diferenças que fazem o valor e o sabor da vida humana? Como desqualificar alguém, discriminar, segregar só porque é diferente ou pensa diferente do que pensamos?

Cultura, valores, experiência, habilidades são conquistas. Bens, títulos, posições e até o próprio corpo são meros empréstimos. Bem transitórios, diga-se de passagem.

Nossa sociedade passa por transformações imensas, onde o orgulho e a prepotência cederão lugar à fraternidade. Melhor que nos exercitemos nesse enquadramento para não perdermos o *bonde da história*... Aquele mesmo que nos auto-segrega se não aprendermos o respeito pelas diferenças.

O tema comporta estudo das questões 803 a 824, de *O Livro dos Espíritos*, que abordam a *Lei de Igualdade*, onde, quando indagados por Kardec se todos os homens são iguais diante de Deus, os Espíritos

responderam categoricamente: *Sim, todos tendem ao mesmo fim e Deus fez suas leis para todos*¹. (...) E Kardec acrescenta em seu comentário: *Todos os homens estão submetidos às mesmas leis da Natureza. Todos nascem com a mesma fraqueza, estão sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Portanto, Deus não deu, a nenhum homem, superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte. Diante Dele, todos são iguais.*

As questões citadas no parágrafo anterior ampliam suas con-

siderações para a desigualdade de aptidões, as sociais, e também abordam a questão das provas da riqueza e da miséria e da igualdade diante do túmulo, para as quais remetemos o leitor.

Na verdade, no fundo, tudo é um processo educativo.... lento, bem lento, gradativo, necessário, todavia, e inevitável se desejamos a paz, o progresso, a harmonia.

¹ Questão 803 da obra citada, edição IDE, tradução de Salvador Gentile. **REE**



A educação

Não basta ensinar à criança os elementos da Ciência. Aprender a governar-se, a conduzir-se como ser consciente e racional, é tão necessário como saber ler, escrever e contar: é entrar na vida armado não só para a luta material, mas, principalmente, para a luta moral



Léon Denis

Léon Denis (1846-1927) foi escritor e palestrante espírita francês, considerado o filósofo do Espiritismo e continuador da obra de Allan Kardec. Participou da fundação da Liga de Ensino da França e esteve presente nos Congressos Internacionais de Espiritismo, tendo presidido o realizado em 1925, na cidade de Paris. Legou-nos obras de leitura obrigatória.

É pela educação que as gerações se transformam e aperfeiçoam. Para uma sociedade nova é necessário homens novos. Por isso, a educação desde a infância é de importância capital.

Não basta ensinar à criança os elementos da Ciência. Aprender a governar-se, a conduzir-se como ser consciente e racional, é tão necessário como saber ler, escrever e contar: é entrar na vida armado não só para a luta material, mas, principalmente, para a luta moral. É nisso em que menos se tem cuidado. Presta-se mais atenção em desenvolver as faculdades e os lados brilhantes da criança, do que as suas virtudes. Na escola, como na família, há muita negligência em

esclarecê-la sobre os seus deveres e sobre o seu destino. Portanto, desprovida de princípios elevados, ignorando o alvo da existência, ela, no dia em que entra na vida pública, entrega-se a todas as ciladas, a todos os arrebatamentos da paixão, num meio sensual e corrompido.

Mesmo no ensino secundário, aplicam-se a atulhar o cérebro dos estudantes com um acervo indigesto de noções e fatos, de datas e nomes, tudo em detrimento da educação moral. A moral da escola, desprovida de sanção efetiva, sem ideal verdadeiro, é estéril e incapaz de reformar a sociedade.

Mais pueril ainda é o ensino dado pelos estabelecimentos religiosos, onde a criança é apossada pelo fanatismo e pela

superstição, não adquirindo senão Ideias falsas sobre a vida presente e a futura. Uma boa educação é, raras vezes, obra de um mestre. Para despertar na criança as primeiras aspirações ao bem, para corrigir um caráter difícil, é preciso às vezes a perseverança, a firmeza, uma ternura de que somente o coração de um pai ou de uma mãe pode ser suscetível. Se os pais não conseguem corrigir os filhos, como é que poderia fazê-lo o mestre que tem um grande número de discípulos a dirigir? Essa tarefa, entretanto, não é tão difícil quanto se pensa, pois não exige uma ciência profunda. Pequenos e grandes podem preenchê-la, desde que se compenetrem do alvo elevado e das consequências da educação. Sobretudo, é preciso nos lembrarmos de que esses Espíritos vêm coabitar conosco para que os ajudemos a vencer os seus defeitos e os preparemos para os deveres da vida. Com o matrimônio, aceitamos a missão de os dirigir; cumpramo-la, pois, com amor, mas com amor isento de fraqueza, porque a afeição demasiada está cheia de perigos. Estudemos, desde o berço, as tendências que a criança trouxe das suas existências anteriores, apliquemo-nos a desenvolver as boas, a aniquilar as más.

Não lhe devemos dar muitas alegrias, pois é necessário habituá-la desde logo à desilusão, para que possa compreender que a vida terrestre é árdua e que não deve contar senão consigo mesma, com

seu trabalho, único meio de obter a sua independência e dignidade. Não tentemos desviar dela a ação das leis eternas. Há obstáculos no caminho de cada um de nós; só o critério ensinará a removê-los.

Não confieis vossos filhos a outrem, desde que não sejais a isso absolutamente coagidos. A educação não deve ser mercenária. Que importa a uma ama que tal criança fale ou caminhe antes da outra? Ela não tem nem o interesse nem o amor maternal. Mas, que alegria para uma mãe ao ver o seu querubim dar os primeiros passos! Nenhuma fadiga, nenhum trabalho detém-na.

Ama! Procedei da mesma forma para com a alma dos vossos filhos. Tende ainda mais solicitude para com essa do que pelo corpo. O corpo consumir-se-á em breve e será sepultado; no entanto, a alma imortal, resplandecendo pelos cuidados com que foi tratada, pelos méritos adquiridos, pelos progressos realizados, viverá através dos tempos para vos abençoar e amar.

A educação, baseada numa concepção exata da vida, transformaria a face do mundo. Suponhamos cada família iniciada nas crenças espiritualistas sancionadas pelos fatos e Incutindo-as aos filhos, ao mesmo tempo em que a escola laica lhes ensinasse os princípios da Ciência e as maravilhas do Universo: uma rápida transformação social operar-se-ia então sob a força dessa dupla

corrente.

Todas as chagas morais são provenientes da má educação. Reformá-la, colocá-la sobre novas bases traria à Humanidade consequências inestimáveis. Instruamos a juventude, esclareçamos sua inteligência, mas, antes de tudo, falemos

ao seu coração, ensinemos-lhe a despojar-se das suas imperfeições. Lembremo-nos de que a sabedoria por excelência consiste em nos tornarmos melhores.

Texto publicado no livro *Depois da morte*. **REE**



Atividade prática

Projeto: Quem sou?



Dalva Souza e Leila Brandão

Objeto do conhecimento
O ser humano como criatura de Deus, sua origem, imortalidade e evolução.

Objetivos

Geral: identificar os corpos que têm vida e compreender a função da vida.

Específico: desenvolver o amor pelo próprio corpo e trabalhar sua relação com o corpo espiritual.

Avaliação

Análise da participação e do desempenho de cada criança durante as aulas,

Preparação

Partindo do que a criança conhece sobre a sua própria história, desde o nascimento, estimular sua curiosidade sobre as funções do corpo. O que sabemos? O que queremos saber? Como vamos saber?

Desenvolvimento

Anotar as sugestões que as crianças dão, tais como recortar figuras humanas das revistas, figuras de animais, de objetos etc

Sugestões ao evangelizador/professor

- Trabalhar o que é visível e invisível.
- As coisas podem aparecer e desaparecer.
- A energia das coisas (calor das mãos, a força do vento etc).
- O que é Deus?
- Observar como as coisas se formam: o início.
- As sensações (quente, frio, dor, alegria etc).
- Exercícios de movimentos cinestésicos, imaginação criativa.
- Trabalhar com retratos da criança em diversas fases: quando bebê, ao completar um ano etc
- A posição da criança na família (primeiro filho, filho do meio, caçula)

Dalva Souza é formada em Letras e fez carreira no magistério, tendo sido presidente da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo. Leila Brandão é palestrante espírita e fundadora da Sociedade Espírita Joanna de Ângelis, em Juiz de Fora/MG.

- A família (número de pessoas, suas ligações de parentesco).
- Desenhar as mãos no papel (esquerda e direita), recortar e colocar no mural.
- Desenhar o contorno do corpo em papel pardo, recortar e vestir com roupas das crianças.
- Desenvolver os sons que o corpo pode fazer.
- Pesar e medir cada criança, estabelecendo comparações entre elas, valorizando a beleza das diferenças.
- Movimentar o corpo no ritmo da dança.
- Trabalhar os órgãos dos sentidos.
- A morte como fim de uma etapa: contar a história da lagarta que se transforma em borboleta.

- O anjo da guarda ou guia espiritual.
- Jogos de psicomotricidade: dentro e fora, coelhinho na toca, pular corda, etc.

Conclusão

Montar vários murais no decorrer dos trabalhos, relatando as experiências e descobertas do grupo. Elaborar um livro com a ajuda da família, com textos e desenhos elaborados pelas crianças, assim como figuras recortadas de revistas.

(Do livro *Na medida certa*, Editora Lachâtre)

revista
EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Ano 1 - Número 1 - Março / Abril de 2016



revista
EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Ano 1 - Número 1 - Maio / Junho de 2016



revista
EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Ano 1 - Número 2 - Julho / Agosto de 2016



revista
EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Ano 1 - Número 4 - Setembro / Outubro de 2016



revista
EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Campanha para NOVOS Assinantes

Já somos mil, vamos aumentar esse número?

A assinatura da *Revista Educação Espírita* é gratuita.

Espalhe o link de cadastro para seus amigos e em suas redes sociais:

bit.ly/revista-educacao-espirita

Abraços,

Marcus De Mario - Editor-chefe

Divulgando

Redação

LAR JESUS ENTRE AS CRIANÇAS (OSASCO - SP)

O Lar “Jesus entre as Crianças” foi fundado em 03/09/1958 pelo alemão Johann Kaufmann para atender crianças e adolescentes órfãos. Em 1987 passou a realizar o atendimento das crianças e adolescentes em



LAR JESUS
ENTRE AS CRIANÇAS

contra turno escolar por meio do serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, conforme preconiza o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) no tocante à Proteção Social Básica. Somos uma Organização da Sociedade Civil (OSC) que atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e risco social do Rochdale e bairros adjacentes, de 2ª à 6ª feira, proporcionando-lhes experiências educativas e lúdicas, com o intuito de formarmos cidadãos melhores e uma sociedade mais justa.

Acesse o site em <https://larjesuscrianças.org.br>

Evangelizadores Espíritas (São Paulo - SP)

O Departamento de Infância da USE-SP está realizando o curso Estudos e Recursos sobre Afetividade para Evangelizadores Espíritas, um evento de grande importância para a capacitação dos evangelizadores. O curso teve início em 07 de junho e vai até o final do ano, através do Google Meet (online). O curso oferece uma imersão no



estudo da afetividade. A novidade é que todo o curso é voltado para a produção de recursos que os evangelizadores e educadores espíritas podem utilizar em suas atividades.

Inscrições através do formulário: <https://forms.gle/wStAxcKq2gt3npN78>

LAR DA CRIANÇA EMMANUEL (SÃO BERNARDO DO CAMPO - SP)

O Lar da Criança Emmanuel é uma instituição de assistência social e educacional, sem fins lucrativos que foi fundada no dia 30 de março de 1960. Até a década de 80, recebia crianças órfãs em regime de internato, chegando a ter turmas de 120 delas, recebendo todo o apoio, incluindo alimentação, assistência médica e odontológica, psicológica e pedagógica, além de muito carinho.



LAR da CRIANÇA
EMMANUEL

Em 1980, passou a trabalhar em regime de creche; nesta época, a proposta da creche era voltada para a guarda, segurança e cuidados das crianças cujas mães trabalhavam. A partir de 2003, o Lar Emmanuel ampliou sua proposta educacional baseando-se nos referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil e na Proposta Curricular de São Bernardo, que integra o cuidar e o educar.

Conheça o trabalho e colabore acessando <https://www.laremanuel.org.br>.

Pensando a educação

Que os pais responsáveis jamais desanimem com suas crianças, quando a desobediência, rebeldia e desrespeito brotam dos sentimentos deles. Deus, nosso Pai, e Jesus, nosso Mestre, esperam muito dos pais em atos de muito amor, profunda compreensão, firmeza na fé, coragem nas decisões, paciência educativa, energia construtiva, esperança iluminada para darem continuidade aos trabalhos evangélicos na educação do caráter dos filhos.

Walter Barcelos, em *A arte moral de educar os filhos*, Editora Didier.

Na família são formados os caracteres, são inculcados os hábitos saudáveis no educando, auxiliando-o com o conhecimento escolar a superar a desordem e a imprevidência, em favor da segurança todos.

Vianna de Carvalho / Divaldo Franco, em *Atualidade do pensamento espírita*, Leal Editora.

A criança é o dia de amanhã, solicitando-nos concurso fraternal. Na alma da criança reside a essência da paz ou da guerra, da felicidade ou do infortúnio para os dias que virão. Conduzir, pois, o espírito infantil para a grande compreensão com Jesus é consagrarmos nossa vida à experiência mais sublime do mundo – o serviço da Humanidade na pessoa dos nossos semelhantes, a caminho da redenção para sempre.

Meimei / Chico Xavier, em *Cartas do coração*, LAKE Editora.

Educando moralmente as crianças teremos, certamente, menos dissabores ao lidarmos com os adolescentes. Ajudando-as a plasmarem seu caráter na infância, estaremos concorrendo para que se transformem em pessoas do bem.

Lucia Moysés, em *Educar os filhos, Compromisso inadiável*, Editora EME.

Somente uma bem estruturada educação, que transforme as energias egoístas e orgulhosas, trará o ser humano, ainda indisciplinado, inconsciente ou insciente, para os campos de equilíbrio, de santidade, de harmonia, que tanto têm feito falta nestes tempos provacionais e expiatórios da Humanidade.

Camilo / José Raul Teixeira, em *Desafios da educação*, Editora Fráter.